

## **RESENHAS**



## UMA HISTÓRIA EM COMUM ENTRE CUBA E ESPANHA

Por Diogo Roiz<sup>1</sup>

FRAGINALS, Manuel Moreno. *Cuba/Espanha, Espanha/Cuba. Uma história comum*. Tradução de Ilka Stern Cohen. Bauru/SP: Edusc, 2005, 374p.

Há poucos estudos sobre a história cubana publicados (e mesmo produzidos) no Brasil. A publicação do livro de Manuel Moreno Friginals deve ser, nesse sentido, duplamente observado. Primeiro, por se tratar de uma pesquisa que nitidamente dá continuidade aos seus livros: *O engenho* (de 1964), *África na América Latina* (de 1974) e *A história como arma e outros estudos sobre escravos, engenhos e plantações* (de 1984). Segundo, por se tratar de um estudo minucioso sobre a história cubana até 1898, quando se tornou independente da Espanha, o que não quer dizer que todas as relações fossem cortadas. Sobre isso o autor mostrará muito bem os laços de continuidade e as rupturas que foram produzidas durante esse período, principalmente entre as décadas de 1880 e 1890, cujo auge foi a independência de Cuba.

Deve-se ainda observar que o livro contribui para que se visualizem as complexas relações estabelecidas entre o colonizador e o colonizado; a escravidão indígena e, depois, negra, ao se constituírem os povoados, os engenhos e a produção da cana e do açúcar, nesta parte da América Hispânica. Como seus livros anteriores, Friginals critica a história tradicional e a maneira como foi escrita a história cubana, dando ênfase aos 'vencidos', aos até então 'excluídos' de sua história, que foram os povos indígenas e as tribos africanas que passaram a ter nessas terras sua 'nova'

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de História nos cursos de História e de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), na unidade de Amambai. Mestre em História pela Unesp, Campus de Franca. E-mail: diogor@yahoo.com.br

pátria — ainda que cada uma delas em momentos distintos. Desse modo, o texto não é apenas uma (nova) história marxista de Cuba, mas também uma história crítica do próprio marxismo cubano, que acabou escrevendo uma história oficial, assemelhando-se a história tradicional produzida antes da década de 1960, quer dizer, antes da Revolução Cubana de 1959. Não será por acaso, que o leitor mais atento já deverá ter constatado, que aqui seu ensaio sobre a história como arma perpassará de modo crítico e severo tanto pela história tradicional, quanto por àquela produzida pelo marxismo-leninismo de Estado.

É por tudo isso, e por outras de suas qualidades, que o historiador marxista espanhol Josef Fontana, ao apresentar esta obra em 1995, quando em sua primeira edição, já declarava que a apresentação era desnecessária para o livro “porque basta a si mesmo”, sendo “um dos livros de história mais vivos e mais bonitos que jamais li”, pois o autor é “sábio sem erudição desnecessária, rigoroso embora haja dispensado as imprescindíveis muletas que em muitas ocasiões representam as notas de rodapé, muito inovador em seu enfoque e capaz de conseguir o raro milagre de fundir os fatos políticos numa narração bem alinhavada, os grandes marcos da evolução econômica, os traços que definem uma complexa sociedade mestiça e aquele caráter singular que nasceu da mútua fecundação de suas diversas heranças culturais” além de ser “maravilhosamente escrito” (FONTANA In: FRAGINALS, 2005, p. 13). Considerando, evidentemente, os elogios de um historiador marxista para outro, pode-se dizer mesmo assim que Fontana não exagerou nas qualidades deste livro (muito embora, como qualquer outro livro tenha também suas falhas).

O livro é composto por 24 capítulos distribuídos ao longo de pouco mais de 360 páginas. A idéia de escrever uma história total, tal como preconizada por Pierre Vilar, até a independência cubana, perpassam todas as páginas do texto, fartamente documentado. Mesmo tendo dispensado as notas de rodapé, o leitor verificará que isso foi apenas para suavizar o percurso da narrativa, e tornar o texto enxuto, mas sem com isso deixar de dialogar, em muitos pontos profundamente, com a historiografia tradicional e

com a historiografia marxista-leninista cubana. De fato, o livro é a síntese de mais de 50 anos de pesquisas, em arquivos americanos e europeus, e de docência, em várias universidades, discorrendo sobre a história cubana. Nas palavras de Fontana, esta é a obra-prima de Friginals.

Como seu objetivo foi escrever a história complexa e cheia de tensões do índio (nativo), do negro (escravizado) e do branco espanhol (colonizador), que deram origem à Cuba no final do século XIX, pode-se entender porque seu primeiro capítulo, que foi mais uma síntese de diversas pesquisas arqueológicas, sobre os povos que viviam naquele território, antes da chegada de Colombo no final do século XV, rastreou em poucas páginas milênios de história – num primeiro olhar aparentemente desconexo do resto do livro. Mas, que na verdade, está intimamente articulado com os outros capítulos, pois, tal abordagem serviu apenas para demonstrar o processo de conquista, no qual a devastação perpassou até mesmo no âmbito dos indícios e dos documentos nativos, uma vez que acabou até, por quase aniquilar a sua cultura (oral e suas tradições). Mesmo que se quisesse, só é possível escrever a história dos povos indígenas nativos sob as lentes da documentação europeia disponível. Com relação às tribos africanas, como o autor demonstrará, ocorreu fenômeno semelhante, mas sem que com isso destruíssem todos os indícios deixados pelos negros escravos, tal como aconteceu com as tribos indígenas. Do segundo ao vigésimo segundo capítulo, o autor analisa a história da América Hispânica dos séculos XVI ao XIX, demonstrando como colônia e metrópole foram construindo suas próprias identidades (algumas vezes até de modo a uma se opor a outra). Os dois últimos capítulos dão destaque ao processo de independência que originou a nação cubana. Nas palavras do autor:

A visão do panorama cubano era diferente para cada uma das diversas regiões da Espanha. O país Basco tinha um mínimo de interesse em Cuba; para a Catalunha (a maior base burguesa da Espanha), Cuba e Porto Rico constituíam um bastião de desenvolvimento. Para o resto da Espanha, Cuba era um ponto de referên-

cia obrigatório no discurso militar, político e ideológico dos governantes. Talvez por isso as únicas vozes espanholas que aconselharam uma política racional com relação a Cuba provinham da Catalunha. Mas fora das diferenças econômicas, não havia forma de ajustar a realidade dos sentimentos patrióticos e patrioteiros que inundavam a Espanha desde 1895 (...) e que chegaram a seu clímax em 1898. O problema cubano passou a ser uma questão de *honra nacional*: o discurso ideológico suplantou a racionalidade política, ou melhor, gerou outra racionalidade, e foi-se diretamente para uma guerra anunciada e já perdida (FRAGINALS, 2005, p. 359).

Por outro lado, diz o autor:

O fato concreto foi que a guerra de independência e a intervenção norte-americana em Cuba levaram à definitiva separação política de Cuba e Espanha, mas não cercearam o processo de espanholização da sociedade cubana. Foi depois de proclamada a República de Cuba que as sociedades regionais espanholas alcançaram seu mais alto nível, os anarquistas espanhóis dominaram o movimento operário cubano (especialmente no tabaco), fundou-se a Hispano Cubana de Cultura, e o *galego* continuou sendo o personagem-chave do teatro vernáculo cubano. A estátua de José Martí, que começou a guerra e declarou que não era contra seu pai valenciano nem sua mãe canária, ficou numa praça limitada, entre outros edifícios, pelo Centro Galego, o teatro Catalão Payret, o Centro Asturiano e a espanholíssima Manzana de Gómez (*Idem*, p. 366).

A leitura deste livro possibilita, portanto, um conhecimento apurado e amadurecido durante décadas sobre a história de Cuba e suas complexas relações com a Espanha e, de outro lado, a história da Espanha e suas tensões com sua colônia, de modo que o texto não deixa de lado a escrita de uma história crítica em que avalia dialeticamente cada etapa do processo, identificando suas continuidades e suas rupturas. Pode-se, evidentemente, cri-

ticar um ou outro ponto do livro, mas não há como negar que o texto é um convite à reflexão e à escrita de uma 'nova' história de Cuba e Espanha, sendo ao mesmo tempo elegante e provocador.